

Análise de conteúdo, de Maria Laura Puglisi Barbosa Franco

5. ed. Campinas: Autores Associados, 2018. 87 p.

Ângela de Carvalho Bernardes

 Mestranda em Educação – Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP, Brasil.
angeladecbernardes@gmail.com

Maria Laura Puglisi Barbosa Franco é graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae, mestre e doutora em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Livre-docente pela Unicamp. Aposentada como professora titular do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Educação da PUC-SP, Pesquisadora Associada do CIERS (Centro Internacional de Estudos sobre Representações Sociais e Subjetividade da Fundação Carlos Chagas e Pesquisadora Sênior da mesma instituição, atualmente faz parte do corpo docente do Mestrado e Doutorado em Psicologia Educacional do Centro Universitário Fieo (Unifieo).

Autora de 37 livros, sendo os mais recentes *Representações Sociais em diferentes contextos* (Editora Appris, 2014) e *Os Jovens e suas Representações Sociais* (Editora CRV, 2011), além de ter escrito 27 capítulos em outros livros publicados e diversos trabalhos apresentados, Franco caracteriza seu interesse de pesquisa em seis linhas, a saber: Ensino Médio, Educação Profissionalizante, Avaliação, Representações Sociais, Habilidades e Competências de Alunos e Professores e Aprendizagem e Dinâmica Institucional.

Nesta obra, Franco mostra, ao longo de sete capítulos, conceitos e exemplos a respeito da Análise de Conteúdo de uma forma ampla e consistente, oferecendo parâmetros suficientes para a escolha, ou não, desse método para o tratamento de dados de uma pesquisa acadêmica ou em outro âmbito de atuação. Todavia, por se tratar de uma grande quantidade de definições e critérios envolvidos, esse tipo de investigação demanda um conhecimento mais abrangente dos pesquisadores pouco experientes, que devem se valer, também, das referências sugeridas ao final do livro aqui resenhado.



Logo na introdução, a autora faz uma importante contextualização histórica a respeito da preocupação com o entendimento do significado das mensagens dos textos bíblicos, desde remotos períodos, especialmente quanto à compreensão e interpretação de suas metáforas e parábolas. Contemporaneamente, às tentativas de captar a expressão das emoções e das tendências da linguagem do francês Bourbon (1888-1892), ainda no século dezenove, desenvolveram-se a Psicologia e seu desdobramento na área da Psicologia da Educação, nas quais a expressão verbal, seus enunciados e suas mensagens passam a ser vistos como indicadores indispensáveis para a compreensão dos problemas, como aponta a autora.

Apesar de não ficar claro se houve mudança nos dias de hoje, Franco descreve que, em sua origem, a *Análise de Conteúdo* apoiava-se numa matriz positivista, uma vez que rejeitava a abordagem intuitiva em benefício de outra, objetiva e contextualizada, em que a observação, verificação e experimentação seriam conjunturas necessárias para a gênese de princípios, leis e teorias. Contudo, confusões conceituais de método, metodologia e procedimentos metodológicos podem ter ocasionado críticas e rejeições ao procedimento, sob a premissa de consumir muito tempo e resultar em um produto fragmentado, por meio de uma quantificação inútil de um discurso desprovido de significado social. Por outro lado, ela enfatiza que, em abordagens que admitem o sujeito como ativo na produção do conhecimento, a *Análise de Conteúdo* torna-se perfeitamente possível e necessária. Concordando com Maurice Pêcheux, a autora menciona que o papel da linguística resume-se à descrição do funcionamento da língua, para além das variações individuais ou sociais tratadas pela psicolinguística, enquanto esse tipo de análise procura conhecer aquilo que está por trás das palavras.

Introduzindo as bases teóricas da *Análise de Conteúdo*, Franco assinala que esse procedimento pode ser considerado como um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. De forma veemente, ela enfatiza a importância de se partir da mensagem, sendo ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada, trazendo consigo condições contextuais de quem a produz, carregadas de componentes cognitivos, subjetivos, afetivos, valorativos e historicamente mutáveis. Nesse

sentido, o processo não considera somente o conteúdo observável, mas o latente, a hermenêutica e toda complexidade que acompanha a diferença entre significado e sentido.

Para demonstrar o embasamento da semântica no processo de investigação em questão, a autora cita um exemplo que ilustra bem o sentido e significado a que se refere:

[...] a palavra “livro” assume um determinado sentido por parte de leitores alfabetizados e implica, igualmente, graduações de sentido diferenciadas entre os leitores digamos “eruditos” e os leitores “comuns”. Já quando transportada para indivíduos ou grupos não alfabetizados, a mesma palavra livro pode até ser compreendida mediante o mesmo significado que lhe é atribuído universalmente, porém seu sentido assume uma conotação completamente diferenciada (p. 13-14).

Enfatiza, ao longo de alguns capítulos do livro, a importância da relevância teórica referente às descobertas da Análise de Conteúdo, já que uma informação meramente descritiva não relacionada a outras características do emissor é pouco valorosa. Em vista disso, toda análise requer comparações contextuais que podem ser multivariadas, mas que devem, impreterivelmente, ser orientadas a partir da sensibilidade, intencionalidade e competência teórica do investigador. Ao citar Bardin, a autora apoia a intenção de se produzir inferências de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção das mensagens, no procedimento aqui descrito.

De forma detalhada, Franco cita os elementos básicos da comunicação (fonte ou emissão, processo codificador, mensagem, receptor ou detector da mensagem e processo decodificador), ratificando que, no processo de Análise de Conteúdo, a mera descrição das características das mensagens contribui pouco para a compreensão das características de seus produtores. Por outro lado, quanto maior a bagagem teórica do analista, maior o crescimento em significado do processo.

Logo nas primeiras páginas, fica clara a ênfase que a autora dá para três noções estruturais a respeito do processo aqui tratado, sendo a mensagem como o ponto de partida da análise, o referencial e a bagagem teórica do pesquisador e a produção de inferências como finalidades deste procedimento. Assim, ela encerra os dois primeiros capítulos, em que expõem as características definidoras do processo de investigação sugerido no livro, passando, em seguida, para conceitos relativos aos campos dos métodos de análise, podendo variar de acordo com a proximidade aos domínios da Linguística ou, no outro extremo, à Hermenêutica.

No mesmo conjunto de ideias, a autora discorre sobre a importância de se delinear um bom plano de pesquisa, que visa completar e analisar dados, a fim de responder à pergunta do investigador, entendendo como bom um plano que garanta a integração entre teoria, coleta, análise e interpretação de dados. Partindo para um detalhamento ainda mais minucioso, o quarto capítulo mostra as unidades de análise (de registro e de contexto) e suas limitações, destacando a importância de se inter-relacioná-las, a fim de realizar análises e interpretações mais amplas, considerando as variadas instâncias de sentido e de significados implícitos nas comunicações orais, escritas ou simbólicas. Obtidas as unidades, chega o momento de organizá-las, e, de acordo com Bardin, a pré-análise dos materiais, que inclui a escolha de documentos que serão analisados, a formulação de hipóteses e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final, constituem o *corpus* da análise.

Finalizando as etapas da Análise de Conteúdo proposta por Franco, tem-se uma classificação chamada de categorização, “processo de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos” (p. 63). Em geral, é, de acordo com a autora, um processo longo, difícil e desafiador. Essas categorias podem ser criadas *a priori* ou não, indicando a busca de uma resposta específica ou a análise da fala que emerge do discurso, do conteúdo das respostas, o que implica uma constante ida e volta do material de análise à teoria, respectivamente. Em ambos os casos, Franco sinaliza que há limitações e exigências, mas que, sem dúvida, quando se opta por criar categorias após a coleta do material, há uma exigência maior de repertório teórico do investigador, indicando ainda, como vantagem perante o primeiro caso, a grande quantidade de dados novos e diversificados que podem surgir, quando não se limita à busca de respostas para categorias já determinadas previamente.

O último capítulo da obra ilustra a Análise de Conteúdo com um exemplo realizado em uma pesquisa em Educação, favorecendo, assim, o entendimento da aplicação dos conceitos apresentados.

É evidente o domínio epistemológico da autora em relação ao tema, uma vez que em apenas 87 páginas consegue detalhar, de forma clara e coerente um procedimento tão complexo de tratamento de dados. Mesmo que se considere excessivo o rigor exigido no processo da análise, principalmente em relação às etapas e suas respectivas nomenclaturas,

sugerindo até que a matriz positiva da Análise de Conteúdo tenha, ainda, sua influência, uma crítica refere-se ao método em si e, não, à obra que, de tão eficaz ao que se propõe, possibilita sua compreensão além das palavras. De fácil acesso e leitura, recomenda-se este livro a estudantes, professores, pesquisadores e indivíduos curiosos, em geral, com desejo de conhecimento para além das evidências.